

## O KAMA SUTRA E OUTRAS TÉCNICAS ORIENTAIS: ENTRE O TRADICIONAL E O RESSIGNIFICADO

Felipe Salvador Weissheimer<sup>1</sup>

Programa de Pós-graduação em História  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Marlene de Fáveri<sup>2</sup>

Faculdade de Educação  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Recebido: 07/02/2017

Aprovado: 28/05/2017

**Resumo:** Este artigo apresenta o resultado de algumas análises comparativas entre o livro *O Kama Sutra e outras técnicas orientais* (2005), escrito por Alicia Gallotti, em relação a obras contemporâneas que se referem, numa perspectiva tradicional, as denominadas “tradições orientais”, presentes na obra de Gallotti. Mesmo construindo um discurso sobre o Oriente, sob o signo das técnicas orientais, o livro *Kama Sutra e outras técnicas orientais* é um verdadeiro “quebra-cabeça” embaralhado, com citações esparsas sobre as tradições do Kama Sutra, do Tantrismo, da Ayurveda, do Taoismo chinês e do Reiki budista. Por isso, efetivamos um trabalho indiciário de investigação, juntando as peças desse “quebra-cabeça” discursivo para, posteriormente, analisá-lo e, conseqüentemente, apresentar uma visão geral sobre as representações construídas por Alicia Gallotti.

**Palavras-chave:** Orientalismo; Alicia Gallotti; Kama Sutra.

### THE BOOK “KAMA SUTRA E OUTRAS TÉCNICAS ORIENTAIS”: THE BANALIZATION OF THE EAST

**Abstract:** This article presents the results of some comparative analyzes between the book *O Kama Sutra e outras técnicas orientais* (2005), written by Alicia Gallotti, in relation to contemporary works that refer, in a traditional perspective, the denominated "oriental traditions" Present in the work of Gallotti. Even constructing a discourse on the East, under the sign of Oriental techniques, the book *O Kama Sutra e outras técnicas orientais* is a real jumbled “puzzle”, with sparse quotations on the traditions of the Kama Sutra, Tantrism, Ayurveda, Chinese Taoism and Buddhist Reiki. For this reason, we carried out an investigative work of investigation, joining the pieces of this discursive “puzzle” to later analyze it and, consequently, present an overview of the representations constructed by Alicia Gallotti.

**Keywords:** Orientalism; Alicia Gallotti; Kama Sutra.

### Introdução

Sem dúvida, um dos temas que mais simbolizam os Kama Sutras é o Oriente. Em Gallotti, este Oriente é caracterizado como voluptuoso, exótico, cativante,

<sup>1</sup> E-mail: felipe.s.w@hotmail.com.

<sup>2</sup> E-mail: mfaveri@terra.com.br.

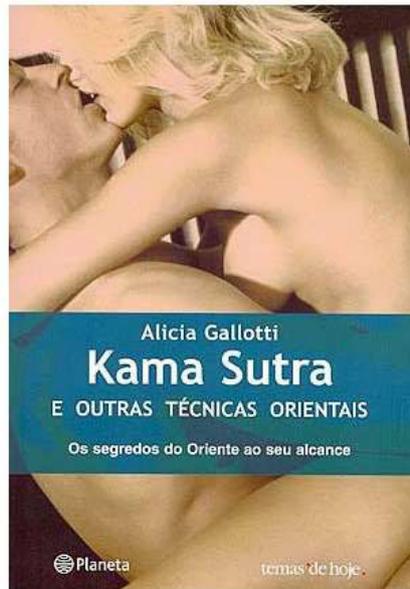
sugestivo, inspirador e, por vezes, hipnótico; caricaturado com fantasias sexuais compostas por enredos que sugerem o uso das “calmantes músicas orientais”, de incensos, de penas das aves e plumas, além de ornamentos como almofadas de seda e veludo, bem como dos “luxuriosos tapetes orientais”. Por exemplo, em nenhum momento, ela considerou os dilemas vivenciados naquela realidade, tais como a penúria da população, a matança das jovens por motivos torpes, as violências sexuais, os casamentos endogâmicos das castas arranjados entre as famílias desde tenra idade dos noivos, entre tantos outros.

Formada em Letras e Filosofia pela Universidade de Buenos Aires (Argentina), Alicia Gallotti obteve destaque no mercado editorial como periodista em diversos veículos de comunicação pelo mundo e escritora de livros com conselhos e sugestões nas áreas matrimoniais, sexuais, na pedagogia sexual de crianças e jovens, entre outros. A sexologia, neste aspecto, é um campo no qual Gallotti não possui uma formação específica na área da saúde; sendo que, mesmo assim, podemos observar o uso de recursos discursivos provenientes do campo da sexologia.

Dentre as obras de Gallotti, que, no Brasil, já somam nove versões com o título “Kama Sutas”, a que mais explora a temática sobre o Oriente é o livro *Kama Sutra e outras técnicas orientais: os segredos do Oriente ao seu alcance*, publicado no Brasil em 2005, pela editora Planeta do Brasil. Segundo dados da Agência Brasileira do ISBN,<sup>3</sup> o livro se encontra na primeira edição; impresso, também, na versão *pocket* (livro de bolso, em tamanho reduzido). Supomos que, embora não conste, no livro, a tiragem de impressões, se comparado com as outras versões dos Kama Sutas da autora, o *Kama Sutra e outras técnicas orientais* obteve pouco sucesso de vendas, sobretudo por ainda não passar da primeira edição.

---

<sup>3</sup> AGÊNCIA BRASILEIRA DO ISBN. Disponível em: <<http://www.isbn.br/website/consulta/cadastro>>. Acesso em: 01 de jan. 2016.



Capa do livro.<sup>4</sup>

Embora não tenha uma tiragem expressiva, este livro, se comparado com os demais Kama Sutras publicados pela autora, é o que mais possui elementos discursivos sobre a temática oriental. Portanto, é um livro que possui subsídios discursivos que possibilitam entendermos de forma minuciosa as representações sobre o Oriente construídas pela autora e que, em certa medida, possibilitam compreendermos o que, de fato, é o Oriente para Alicia Gallotti.

No *Kama Sutra e outras técnicas orientais*, sob o signo chamariz das “técnicas orientais”, há uma confusão de tradições muito distintas. Segundo a autora, o “livro contém, entre outros aspectos, uma síntese do kama sutra, taoísmo, tantrismo, Reiki e outras técnicas semelhantes de massagem aiurvédica”;<sup>5</sup> além dessas, há citações esparsas de outras práticas de inspiração cultural japonesa, tribos asiáticas, indígenas e africanas. Mas, de qualquer forma, dentre as culturas citadas, é sobre o Oriente que Gallotti dedicou, neste livro, os esforços de sua construção narrativa.

Buscamos efetivar uma análise indiciária sobre o conhecimento da autora sobre as culturas orientais, percebendo vestígios em seu discurso sobre suas experiências acerca da temática. Em entrevista à *Calibuenanota*, periódico

<sup>4</sup> Fonte: GALLOTTI, Alicia. **Kama Sutra e outras técnicas orientais**: os segredos do Oriente ao seu alcance. Tradução de J. Nogueira. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

<sup>5</sup> Ibidem. p. 11.

eletrônico da Colômbia, disponível no sítio eletrônico da autora, em novembro de 2005, Gallotti, questionada como chegou ao tema do Kama Sutra em seus livros, relatou que:

Siempre el sexo concentro mi atención. Desde la pubertad. Tuve la suerte de tener un padrastro muy culto, y que tenía una cierta obsesión con el tema sexual. Era médico. Tenía un ejemplar maravilloso del Kama-sutra. Pude ver esta versión, que era muy completa. Me llamó la atención su ideología.<sup>6</sup>

Além do relatado acima, em nenhum momento, nos materiais disponíveis sobre a autora, há narrativas de viagens, tampouco há referências a pessoas ou experiências de contatos que ancorem de forma declarada suas afirmações sobre o Oriente. Desta forma, o que observamos, sobretudo a partir dos relatos de Gallotti sobre as formas pelas quais ela construiu o discurso de seus livros, sua experiência com o Oriente foi a partir da leitura. O único título de um livro oriental mencionado em suas diversas obras, entrevistas, reportagens e artigos, e que faz alguma referência às culturas orientais, foi o Kama Sutra de Vatsyayana. Também, em nenhuma de suas obras, embora trate de temas com referências ao Oriente, há a citação de outras referências bibliográficas. Assim, podemos afirmar que ela não teve uma experiência com o Oriente, mas sobre o Oriente; afinal de contas, sua experiência foi mediada pela leitura.

A partir das informações que observamos nas fontes utilizadas nesta pesquisa – que compreendem as obras de Alicia Gallotti, além de um acervo de dezenas de entrevistas, reportagens e artigos que a autora produziu em diversos meios de comunicação pelo mundo –, as representações sobre o Oriente da autora não são etnográficas. Uma das bases do trabalho etnográfico é o trabalho de campo, método, por excelência, utilizado por antropólogos para observar as práticas culturais de um grupo social para descobrir seus significados e sistemas de representação. Ou seja, ela não efetivou uma observação direta das práticas culturais representadas por ela – tampouco entrevistas com algum(ns) “típico(s) oriental(is)” – num contato intersubjetivo de coleta de dados experienciado por ela sobre as práticas culturais narradas.

---

<sup>6</sup> GALLOTTI, Alicia. Disponível em: <<http://www.aliciagallotti.com/prensa.html>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

De qualquer forma, pensamos que, em função do caráter subjetivo, qualquer descrição sobre práticas culturais é passível de questionamentos. Conforme destacou o historiador Roger Chartier<sup>7</sup> toda análise cultural deve levar em conta a irredutibilidade da experiência ao discurso. Ou seja, o que podemos considerar, a partir da assertiva do historiador, é que o discurso não é o fenômeno cultural propriamente dito, mas uma apropriação deste fenômeno, intermediado pela experiência – subjetiva – daquele que o narra. Assim, é importante destacarmos que os discursos de Gallotti sobre o Oriente são apenas representações sobre o mesmo, de suas práticas culturais, sobretudo ligadas à atividade sexual. Desta forma, relacionando estas considerações sobre as relações entre os fenômenos culturais e a narração destes fenômenos, observamos que as representações sobre o Oriente de Gallotti foram constituídas a partir das suas experiências, leituras e interpretações; e são sobre essas representações que detemos nossas análises neste Capítulo.

Para tanto, em nossas análises, utilizamos alguns textos de referência sobre sexualidade das tradições citadas por ela; embora, como sabemos, ao longo do tempo, essas tradições tenham sofrido modificações. Sobre o *Kama Sutra*,<sup>8</sup> utilizamos a obra de Vatsyayana e do *Código de Manu*,<sup>9</sup> que influenciou de forma expressiva a composição da obra de Vatsyayana; no caso do Reiki budista, utilizamos a obra *Manual de Reiki do Dr. Mikao Usui*,<sup>10</sup> que apresenta os

---

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n.16, p. 179-192, 1995.

<sup>8</sup> VATSYAYANA. **Kama-sutras**. O mais completo tratado sexual do oriente. Vls 01-02. Rio de Janeiro: Skorprios, s/d; VATSYAYANA. **The Kama sutra of Vatsyayana**. Translated by Sir Richard Francis Burton and F. F. Arbuthnot. Edited with a preface by W. G. Archer. Introduction by K. M. Panikkar. London: George Allen and Unwin Ltd, 1963.; VATSYAYANA. **Le Kama Soutra**. Théologie Hindoue. Regles de l'amour de Vatsyayana (morale des brahmanes). Traduit par E. Lamairesse (ancien ingénieur en chef des établissements français dans l'inde. Paris: Georges Carré Éditeur, 1891.; VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. F. Arbuthnot. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.; VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Tradução de Eduardo de Noronha. Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1904.; VATSYAYANA. **Kama Sutra**. Tradução do sânscrito de Daniel Moreira Miranda e Juliana Di Fiori Pondian. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

<sup>9</sup> MANU. **Leyes de Manú**. Manava-Dharma-Sastra. Buenos Aires: Scharpire, 1945.; RIG VEDA. *In*: YUTANG, Lin. **Piedade indiana e humor indiano**. Tradução de Beata Vettori e Marques Rebelo Sodré Vianna. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. p. 27-54.; UPANISHADS. *In*: YUTANG, Lin. **Piedade indiana e humor indiano**. Tradução de Beata Vettori e Marques Rebelo Sodré Vianna. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. p. 55-88.

<sup>10</sup> PETTER, Frank A.; USUI, Mikao. **Manual de Reiki do Dr. Mikao Usui**. 9ª edição. São Paulo: Pensamento, 2007.

pressupostos fundamentais da tradição; Acerca do taoísmo, utilizamos tanto o livro *Primeiro tratado chinês do amor*,<sup>11</sup> que foi escrito tendo por base os ensinamentos do Imperador Huang Ti, além de descrições das praticantes de uma seita de cortesãs taoístas presentes no livro *Os ensinamentos sexuais da tigresa branca*,<sup>12</sup> que possibilitou efetivarmos um contraponto de análise sobre as relações de gênero sobre a referida tradição; Já do tantrismo, nos utilizamos do *Ananga Ranga*,<sup>13</sup> do livro *Mitologia hindu: o universo de deuses e mitos da Índia*<sup>14</sup> que apresenta algumas informações sobre o mito de Shiva e Parvati, e do livro *Tantra: sexualidade e espiritualidade*<sup>15</sup> de Georg Feuerstein que é um livro tradicional, porém contemporâneo, e que também problematiza alguns aspectos do tantrismo na atualidade; Por fim, da medicina ayurvédica, nos utilizamos do livro *A tradição do Ayurveda*,<sup>16</sup> que é o resultado de uma tese de doutorado em Medicina Social, escrita por Anderson Moreira da Rocha e do livro *Ayurveda: a ciência da longa vida*,<sup>17</sup> que foi escrito por Edson D'Angelo e Janner Rangel Côrtes.

É importante destacar que, se visto de um modo geral, o que une essas tradições não é um posicionamento unívoco sobre o sexo, pois cada uma interpreta a sexualidade humana de forma peculiar, com semelhanças e diferenças entre si. O que as une é o fato dessas tradições apresentarem uma interpretação diferente das presentes na cultura ocidental. E, logicamente, estarem, geograficamente delimitadas pelas “fronteiras orientais”.

De qualquer forma, Gallotti afirmou que o seu livro *Kama Sutra e outras técnicas orientais* é uma síntese dessas tradições e práticas culturais. No entanto, destacou que o que se pretendia com o livro:

Não é seguir e aplicar as complicadas regras próprias de outras culturas, que seriam demasiadamente estranhas para nós, mas sim aproveitar o

---

<sup>11</sup> TSUNG, Liéou. **Primeiro tratado chinês do amor**. Intax Ltda, s/d.

<sup>12</sup> HSI, Lai. **Os ensinamentos sexuais da Tigresa Branca**: segredos das mestras taoístas. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Aquariana, 2004.

<sup>13</sup> MALLA, Kalyana. **Ananga-ranga**. Tradução de Olívio Tavares de Araújo. Brasília: Brasília, s/d.

<sup>14</sup> SARASWATI, Aghorananda. **Mitologia hindu**: o universo de deuses e mitos da Índia. São Paulo: Madras, 2007.

<sup>15</sup> FEUERSTEIN, Georg. **Tantra**: sexualidade e espiritualidade. Tradução de Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Record Nova Era, 2001.

<sup>16</sup> ROCHA, Anderson Moreira da. **A tradição do ayurveda**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2010.

<sup>17</sup> CÔRTEZ, Janner Rangel; D'ANGELO, Edson. **Ayurveda**: a ciência da longa vida. São Paulo: Madras, 2008.

melhor que elas possam oferecer na atualidade aos homens e às mulheres desejosos de estimular a sua libido e gozar, sem inibições e com a mais intensa criatividade, esse manancial inesgotável de prazer que é o sexo.<sup>18</sup>

Esta forma de adaptação das práticas culturais ligadas à atividade sexual, em função de ser, em sua origem, “demasiadamente estranhas aos ocidentais”, foi denominada por ela de “técnicas neo-orientais”.<sup>19</sup> Assim, também, de um modo geral, nos nove *Kama Sutas* (pela apropriação do título do antigo livro indiano) – mas, de modo especial, na obra *Kama Sutra e outras técnicas orientais* – são formas de ressignificação simplificada que não coincidem com a complexidade de princípios e crenças presentes nas práticas culturais das tradições abordadas, e se constituem em representações parciais (ou uma espécie de discurso ficcional) sobre o Oriente.

Este “Oriente exótico”, por ser, segundo ela, portador de conhecimentos sublimes sobre o sexo e o erotismo, caracteriza o discurso da autora como uma fonte de dispersão daquilo que poderíamos definir como uma “geografia imaginada”. Uma das características das “geografias imaginadas” é a representação simbolicamente baseada na ideia de um povo, uma cultura pura e original, geograficamente localizada e delimitada por fronteiras, tanto físicas quanto culturais. Estes discursos atuam, dentre outros fatores, como fontes de significados culturais, focos de identificação e diferenciação e sistemas de representação.

Muito mais que escrever sobre o Oriente, a “geografia imaginada” de Gallotti foi um subterfúgio discursivo utilizado para refletir sobre o próprio Ocidente: sua moral, seus sistemas de representação e suas práticas culturais. Ou seja, a partir da sua “geografia imaginada” (tendo, neste caso, o *Kama Sutra* como referência, em função dos títulos das obras) Gallotti criou uma representação sobre o Oriente com um efeito discursivo de considerável estímulo sobre as disposições afetivas dos seus leitores ocidentais.

É válido destacar que o discurso de Gallotti refere-se às práticas culturais ligadas ao sexo, presente em tradições de caráter místico, esotérico e religioso. Assim, com base em Danièle Hervieu-Léger, doutora em sociologia das religiões,

---

<sup>18</sup> GALLOTTI, Alicia. *Kama Sutra e outras técnicas...* Op. Cit., p. 12.

<sup>19</sup> Idem.

consideramos que, de um modo geral, toda tradição é “um universo de significações coletivas no qual as experiências cotidianas que inscrevem os indivíduos e os grupos no caos são reportadas a uma ordem imutável, necessária e preexistente aos indivíduos e aos grupos”; e acrescentou, ainda, sobre a ordem imutável de significações coletivas, que o que define, principalmente, a tradição “é que ela confere ao passado uma autoridade transcendente”.<sup>20</sup> Desta forma, é um movimento contínuo das tradições se remeterem a um passado para preservar elementos fundamentais, aquilo que é “tradicional”. Desta forma, uma memória que referencia o passado – que, nas nossas fontes, são preservadas a partir de livros – é um elemento indispensável, para se preservar a “essência” das tradições. Em suma, a memória é o capital simbólico que confere a autoridade das tradições: uma memória que descreve o que é tradicional e que age constantemente sobre seus praticantes a fim de preservar as práticas “genuinamente tradicionais”. Já em termos semânticos, o conceito de tradição pode significar aquilo que é antigo; um conjunto de prescrições, normas ou dogmas praticados por um grupo; e/ou aquilo que seria “verdadeiro” e “tradicional”, em contraposição às práticas que destoam das praticadas pela tradição.

Referenciando Hervieu-Léger em seus trabalhos, o antropólogo Joel Candau, que desenvolve pesquisas sobre antropologia sensorial e cognitiva no Laboratório de Antropologia e Sociologia, Memória, Identidade e Cognição Social na Universidade de Nice-Sophia, na França, se preocupou em explicar as formas pelas quais as tradições criam práticas discursivas e não discursivas que incidem de maneira efetiva sobre a constituição das identidades individuais, a partir de sistemas simbólicos compartilhados coletivamente. Ele conceituou que, no processo de transmissão do universo de significações coletivas, o recurso da memória escrita é um elemento fundamental. Mas, também, há uma “protomemória” que se transmite a partir de hábitos, condutas e comportamentos herdados, que é, segundo ele, “imaneente a toda a vida social e a todo processo de aculturação. Ela se constitui por dispositivos e disposições inscritas no corpo. Podendo determinar atitudes e condutas, a transmissão

---

<sup>20</sup> HERVIEU-LÉGER *apud* CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 121.

protomemorial se faz sem pensar, age sobre os indivíduos de maneira involuntária, advém da imersão na sociedade”.<sup>21</sup>

A partir destes pressupostos, observamos que as tradições que analisamos neste Capítulo advogam uma autoridade a partir de uma memória presente nos textos clássicos. Já nos discursos de Gallotti, a narrativa é construída a partir de uma protomemória (num sentido antropológico de descrição das práticas sexuais), sem uma fundamentação bibliográfica (de memória) consistente; uma protomemória não experienciada pela autora a partir de uma iniciação tradicional, características que fazem com que ela, em termos de representação, não seja reconhecida como uma fala autorizada investida de um poder simbólico tradicional. Destarte, Gallotti não advoga um poder simbólico tradicional para si; mas, uma “fala autorizada” investida de um conhecimento sobre o Oriente, que, como analisamos, não coincide diretamente com os discursos tradicionais. Assim, um dos motes de análise, presente neste artigo, foi construído tendo por referência os deslizamentos de sentidos que se fazem evidentes numa análise comparativa entre o “tradicional” e o “adaptado”.

### **A transgressão da moralidade hindu**

No que se refere à abordagem culturalista da autora sobre a sexualidade, é importante destacar que, em nenhum momento, Gallotti considerou a existência dos tabus sexuais da modernidade ocidental nas práticas sexuais do Oriente, pois, segundo ela, “os textos orientais foram escritos com uma liberdade impressionante para a época, mostrando uma prática da sexualidade que destrói todos os tabus que ainda existem agora, mesmo nas sociedades mais modernas”.<sup>22</sup> Essas afirmações parecem contraditórias se as relacionarmos com o *Código de Manu*, que é um dos livros mais importantes dentro da tradição hindu; inclusive, reverenciado por vários segmentos da tradição, pois é ele quem sistematizou, sob um código de

---

<sup>21</sup> CANDAU, Joel. Op. Cit., p. 119.

<sup>22</sup> GALLOTTI, Alicia. **Kama Sutra e outras técnicas...** Op. Cit., p. 39.

leis, o sistema de castas dentro da sociedade indiana. Conforme consta na versão que utilizamos, a data em que o livro foi redigido é desconhecida.<sup>23</sup>

As condutas sociais baseadas nas castas é um pressuposto da tradição hindu presente na *Shruti* (Sagrada Escritura). A *Shruti* é um bloco que compõe o cânone literário hindu referente aos quatro principais *Vedas* (livros sagrados) do hinduísmo, a saber: o *Rig-Veda*, *Sama Veda*, *Yajur Veda* e *Atharva Veda*. Numa análise minuciosa, constatamos que as condutas sociais a partir da divisão da sociedade em castas está presente e foi representada de forma mítica na *Shruti* desde o primeiro livro dos *Vedas*, o *Rig-Veda*. Nos *Upanishads*, que são textos que também compõem a *Shruti*, está escrito que “no princípio só havia o Ser na forma de uma pessoa (Purusha)”.<sup>24</sup> E, segundo o mito do *Rig-Veda*, foi com a morte de Purusha, e sua conseqüente dilaceração, que surgiram as quatro castas: “quando dividiram Purusha, em quantas porções o fizeram? A que lhe chamam a bôca, os braços? A que lhe chamam as coxas, os pés? O Brama era a bôca, de ambos os braços foi feito o Rājanya. As coxas se transformaram em Vaisya, dos pés se produziu a Sudra”.<sup>25</sup> Desta dilaceração-sacrifício primordial de Purusha surgiu, segundo o mito, a primeira casta de sacerdotes brâmanes, a segunda casta dos reis ou guerreiros, a terceira casta de comerciantes, e a quarta casta de trabalhadores braçais.

Inicialmente, o *Código de Manu*, de autoria de Swayambhu Manu, era um guia para a tribo dos Manavas, mas, gradativamente, tornou-se a lei moral dos hindus. O *Código de Manu* foi a mais expressiva escritura no que concerne à manutenção da divisão da sociedade em castas.<sup>26</sup> Por isso, é válido destacar a relevância simbólica do livro em relação à história da organização social indiana dividida em castas, bem como na prescrição das condutas adequadas para cada uma delas.

---

<sup>23</sup> MANU. Introdução. In: \_\_. **Leyes de Manú**. Manava-Dharma-Sastra. Buenos Aires: Scharpire, 1945. p. 09-11.

<sup>24</sup> UPANISHADS. In: YUTANG, Lin. **Piedade indiana e humor indiano**. Tradução de Beata Vettori e Marques Rebelo Sodré Vianna. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. p. 55-88. p. 59.

<sup>25</sup> RIG VEDA. In: YUTANG, Lin. **Piedade indiana e humor indiano**. Tradução de Beata Vettori e Marques Rebelo Sodré Vianna. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. p. 27-54. p. 45.

<sup>26</sup> SARASWATI, Aghorananda. **Mitologia hindu: o universo de deuses e mitos da Índia**. São Paulo: Madras, 2007. p. 50-51.

No *Código de Manu*, por exemplo, a prática sexual entre homossexuais era reprovada; mas, no caso de a prática ser entre homens, a cópula anal era considerado apenas um “pecado” leve, que poderia ser “purificado” com um banho vestido.<sup>27</sup> Já as mulheres, neste Código, eram tratadas de forma diferenciada, pois, por exemplo, a masturbação entre mulheres era considerada um crime, no qual a condenação se dava mediante pagamento de multa, raspagem do cabelo e corte dos dedos,<sup>28</sup> elementos que demonstram a disparidade nas relações sexuais e de gênero presentes prescritas.<sup>29</sup>

O *Código de Manu* teve grande influência sobre o *Kama Sutra* de Vatsyayana, sendo atribuído ao seu autor, Swayambhu Manu, a prescrição do *Dharma* (preceitos religiosos) que presentes no antigo *Kama Sutra*:

No princípio, o Senhor dos Seres criou os homens e as mulheres e, na forma de mandamentos em cem mil capítulos, formulou as regras de sua existência em relação ao Dharma, ao Artha e ao Kama. Alguns desses mandamentos, ou seja, os que tratavam do Dharma, foram escritos separadamente por Swayambhu Manu; os relacionados ao Artha foram compilados por Brihaspati; e os relativos ao Kama foram expostos por Nandi, seguidor de Mahadeva, em mil capítulos.<sup>30</sup>

Notamos ao longo do *Kama Sutra* de Vatsyayana inúmeros trechos nos quais se fez presente à manutenção das condutas sociais a partir da divisão da sociedade em castas. Sobretudo no que se referia ao convívio social, às relações matrimoniais (endogamia das castas) e às práticas sexuais, o autor prescreveu vários comportamentos de uma ética religiosa a partir da divisão da sociedade:

Assim, o cidadão que viva na sua cidade e seja respeitado por todos deverá freqüentar a casa das pessoas de sua casta que sejam merecedoras disso. Conviverá e proporcionará prazer aos amigos, com a sua companhia; prestando-lhes auxílio em questões diversas, levá-los-á, com seu exemplo, a ajudarem-se mutuamente.

(...) Quando Kama é praticado pelos homens das quatro castas segundo as regras da Sagrada Escritura (isto é, em matrimônio legal) com virgens

---

<sup>27</sup> MANU. **Leyes de Manú**. Manava-Dharma-Sastra. Buenos Aires: Scharpire, 1945. p. 274.

<sup>28</sup> *Ibidem*. p. 202.

<sup>29</sup> No Catolicismo, também havia (e ainda há) prescrições e castigos, calcados numa ideia de pecado e culpa, praticados em seminários, conventos e na pedagogia sexual de um modo geral. Sobre a temática, sugerimos a leitura de: RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: Record, 1996.

<sup>30</sup> VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. F. Arbuthnot. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 66.

de sua própria casta, torna-se um meio de adquirir prole legítima e bom nome, e não se opõe aos costumes do mundo. Pelo contrário, a prática de Kama com mulheres de castas superiores e com as mulheres que já foram gozadas por outros, embora da mesma casta, é proibida. Mas a prática de Kama com as mulheres de castas inferiores, mulheres expulsas da própria casa, mulheres públicas e mulheres casadas duas vezes não é estimulada nem proibida. O objetivo da prática do Kama com tais mulheres é apenas o prazer.<sup>31</sup>

Quando uma moça da mesma casta, e virgem, é desposada de acordo com os preceitos da Sagrada Escritura, os resultados dessa união são a aquisição de Dharma e Artha, de descendentes, afinidades, aumento do número de amigos e um amor imaculado.<sup>32</sup>

Conforme consta nas citações acima, esta moralidade hindu era rigorosa, sendo que boa parte das práticas sociais instituídas no *Código de Manu* foi reproduzida por Vatsyayana no *Kama Sutra*. No *Código de Manu* está enunciado, por exemplo, que um homem da classe inferior que se atrevesse a colocar-se ao lado de um homem que pertencesse à classe mais elevada, deveria ser marcado abaixo do quadril e banido do local, ou o rei deveria ordenar que lhe cortassem as nádegas.<sup>33</sup> Um homem de origem humilde que olhasse para uma “donzela” de elevado nascimento merecia uma pena corporal. Deste modo, deveria cortejar uma moça do mesmo nascimento que ele, como era usual, casando-se com a jovem em consentimento do seu pai.<sup>34</sup> Já a mescla das classes, segundo o código, originaria a violação dos deveres, a destruição da raça humana e causaria a ruína do Universo.<sup>35</sup> Não sabemos se estas práticas, julgamentos e concepções persistem na atualidade. Deste modo, apenas constatamos que as concepções religiosas condicionavam as relações sociais na Índia antiga, moral que foi reproduzida por Vatsyayana e que constituiu o discurso sobre o matrimônio e as relações sexuais no antigo *Kama Sutra*.

Já as “quatro fases da vida”, enunciadas na citação abaixo, compuseram, igualmente, uma prática presente no *Código de Manu*. Em nota da primeira tradução inglesa do *Kama Sutra*, Burton resumiu que “as quatro fases da vida são: a vida de estudante religioso, a vida do dono de casa, a vida de ermitão e a vida de

---

<sup>31</sup> Ibidem. p. 82-83.

<sup>32</sup> Ibidem. p. 124.

<sup>33</sup> MANU. **Leyes de Manú...** Op. Cit., p. 281.

<sup>34</sup> Ibidem. p. 366.

<sup>35</sup> Ibidem. p. 353.

sunyasi, ou devoto”.<sup>36</sup> Neste sentido, Vatsyayana enunciou, na observância as quatro fases da vida, quais condutas seriam pertinentes a cada período da vida, sendo que a maioria das prescrições do *Kama Sutra* diz respeito aos homens de idade mediana:

O homem, cujo período de vida é de cem anos, deve praticar Dharma, Artha e Kama em diferentes momentos e de tal modo que eles se harmonizem entre si sem atritos. Deve adquirir conhecimento na infância; na juventude e da idade madura, ocupar-se de Artha e de Kama e, na velhice, dedicar-se a Dharma, buscando com isso a conquista de Moksha, isto é, libertar-se de novas transmigrações. Ou então, dada a incerteza da vida, poderá praticá-los nas épocas indicadas. Uma coisa, porém, deve ser notada: ele deve viver como um estudante religioso até concluir sua educação.<sup>37</sup>

O homem que tenha, desse modo, adquirido conhecimentos, o homem que tenha conseguido a sua fortuna seja como doação, conquista, aquisição, depósito ou herança de seus antepassados, deverá converter-se em dono de casa e levar a vida de um cidadão. Deve ter uma casa na cidade, ou numa grande aldeia, ou nas vizinhanças de outros homens de posição, ou num lugar que seja frequentado por muita gente.<sup>38</sup>

A divisão da vida do homem em quatro fases foi uma das formas pelas quais as classes superiores reproduziram dentro de suas castas o capital simbólico que condicionava a ordem social como um todo. Os jovens neófitos, desde a primeira infância, eram condicionados a frequentar ou morar na casa de mestres espirituais, para o estudo dos livros sagrados. Somente depois de concluir com êxito os estudos, o estudante poderia avançar para o próximo estágio da vida, casando e se constituindo em um chefe de família.<sup>39</sup> As meninas, por sua vez, não participavam desse processo de formação.

Além disso, no *Kama Sutra* de Vatsyayana, as mulheres eram consideradas bens materiais e, uma vez adquirida(s) a(s) esposa(s), o homem deveria protegê-la(s), equivalente a uma propriedade. Assim, a ética voltada para a satisfação dos prazeres femininos, presentes nos aforismos do livro, é uma evidência de como se garantiria a manutenção do poder sobre as esposas, mediante a satisfação sexual.

---

<sup>36</sup> BURTON, Richard Francis. Introdução, considerações finais e notas informativas. In: VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. F. Arbuthnot. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 72.

<sup>37</sup> VATSYAYANA, M. Op. Cit., p. 70.

<sup>38</sup> Ibidem. p. 78.

<sup>39</sup> MANU. **Leyes de Manú...** Op. Cit., p. 53.

Portanto, a observância à satisfação dos prazeres das esposas foi uma estratégia instituída (ou reproduzida) pelo autor para garantir aos maridos a administração do matrimônio, pois, sendo à mulher uma posse e sendo os prazeres sexuais uma maneira de “reavivar o amor” que efetiva os laços matrimoniais,<sup>40</sup> o discurso de Vatsyayana se constituiu num poderoso instrumento ético que garantia a manutenção das relações de gênero e consequente dominação masculina no meio familiar.

A ética voltada para a satisfação dos prazeres femininos não representou para Vatsyayana uma forma de benevolência para com o gênero feminino. As relações de gênero na antiguidade indiana eram extremamente díspares para acreditarmos na bondade do autor em relação às mulheres. No discurso de Vatsyayana havia preocupações em manter alguns aspectos que caracterizam uma dominação masculina, tais como a primazia do patriarcado como poder hegemônico do lar, a observância da virgindade feminina, a possibilidade dos homens usufruírem dos prazeres oferecidos pelas cortesãs e, em especial à cultura hindu, a legitimação do casamento poligâmico. Elementos estes que indiciam sobre os corpos das mulheres sob a lógica do próprio regime político de Estado, que, imbricado à religião, produziam formas de controle.

Assim, haja vista a moralidade do *Código de Manu* – que se reproduziu, inclusive, no *Kama Sutra* de Vatsyayana –, é ilusório acreditar na afirmação de Gallotti de que “os textos orientais foram escritos com uma liberdade impressionante para a época, mostrando uma prática da sexualidade que destrói todos os tabus que ainda existem agora, mesmo nas sociedades mais modernas”;<sup>41</sup> afinal de contas, conforme apresentamos acima, haviam tabus relacionados à práticas sexuais homossexuais, à masturbação, aos relacionamentos amorosos, matrimoniais e sexuais entre castas diferentes (prevalecendo uma hierarquia entre elas), bem como variadas formas de discriminação das mulheres nas quais a primazia do patriarcado era imperiosa.

---

<sup>40</sup> A satisfação do prazer da companhia, para Vatsyayana, era uma garantia disso: “se o homem e a mulher agirem de acordo com o gosto de ambos, o seu amor não diminuirá, nem mesmo ao fim de cem anos” Cf: VATSYAYANA, M. Op. Cit., p. 106.

<sup>41</sup> GALLOTTI, Alicia. **Kama Sutra e outras técnicas...** Op. Cit, p. 39.

Outra contradição, se relacionarmos o discurso de Gallotti ao *Kama Sutra* de Vatsyayana diz respeito à prática do sexo anal. Conforme Gallotti exemplificou – na crítica aos tabus modernos e ocidentais em relação ao sexo relacionada há uma suposta ausência dos mesmos tabus nas práticas sexuais orientais –, “um desses preconceitos, talvez o que mais resiste, é a inclusão do prazer anal como fonte de prazer partilhado”.<sup>42</sup> No *Kama Sutra* de Vatsyayana, diferente de outras práticas sexuais, o sexo anal não foi dissertado de maneira minuciosa. Há apenas uma referência, quando o mesmo relatou que a prática anal era exercida por homens que possuíam em conjunto a esposa de um deles ou uma cortesã. Tampouco há relatos sobre sexo anal entre homens.

A título de nota, neste último aspecto, parece que no antigo *Kama Sutra* que a prática sexual homossexual masculina que teve maior destaque era efetivada não a partir do sexo anal, mas, sobretudo, via sexo oral. Quem sabe seja por isso que, nos comentários da primeira tradução inglesa do livro, Burton chamou os homens homossexuais de “eunucos”, pois sua cópula era bucal (uma atividade “passiva” e “castrada”). Em nota, Burton afirmou que a cópula bucal (chamada de *Auparishtaka*), aparentemente, prevaleceu em certas regiões da Índia, desde tempos remotos. Sua conclusão partiu do *Shushruta* (livro médico com mais de dois mil anos) no qual se relatava sobre ferimentos no *linga* (pênis), provocados pelos dentes, como uma das causas de enfermidades de que tratavam o referido trabalho. Também relatou que havia indícios da prática do *Auparishtaka* em templos *Shaiva*<sup>43</sup> construídos no séc. VIII em *Bhuvaneshwara* e em *Orissa*. Por isso, deduziu que a prática do *Auparishtaka* foi popular nessa parte do país, mas que teria sido substituído pela “sodomia” introduzida no período muçulmano.<sup>44</sup> Desta forma, Burton buscou demonstrar que a prática sexual homossexual masculina difundida no período era a cópula bucal (sexo oral).

De qualquer forma, a prática da cópula bucal também sofreu certas restrições no antigo *Kama Sutra*. Segundo Vatsyayana, a lei proibia esta prática com as esposas, e nunca deveria ser exercida por sábios brâmanes, ministros de

---

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> O Shaiva Siddhanta é uma das mais antigas escolas shivaista.

<sup>44</sup> BURTON, R. F. Introdução, considerações finais... Op. Cit., p. 116.

estado ou homens respeitáveis. Por exemplo, no *Código de Manu* consta que todas as cavidades que estão acima do umbigo são puras. Por consequência, as que estão abaixo do umbigo são impuras, da mesma forma que as secreções que são eliminadas por elas.<sup>45</sup> A partir disso, Vatsyayana considerou que a boca da mulher, mais propriamente das esposas, deveria ser preservada, sendo a cópula bucal aceita somente aos sujeitos “devassos e libertinos” da sociedade indiana: “o *Auparishtaka* é praticado também pelas mulheres dissolutas e impudicas, pelas servas e criadas, ou seja, as que não são casadas, mas que ganham a vida fazendo massagens”.<sup>46</sup> Consequentemente, os “homens respeitáveis” da sociedade, tais como os sábios brâmanes e os ministros de estado, deveriam se preservar destas práticas.<sup>47</sup>

Outro aspecto relevante e contraditório sobre o discurso de Gallotti acerca da “impressionante liberdade sexual” dos orientais, sobretudo se tomarmos o *Kama Sutra* de Vatsyayana como referência, também se refere às restrições sexuais. Segundo ela, “os orientais recomendam que nos esqueçamos das inibições e respondamos apenas aos chamamentos do instinto, o qual muito sabidamente vai descobrindo os segredos e verdadeiros desejos da libido”.<sup>48</sup> Já Vatsyayana fez uma analogia aos instintos sexuais de maneira muito diferente de Gallotti, sobretudo ao recomendar os “meios adequados” para os homens usufruírem dos prazeres sexuais:

As relações sexuais, porque dependem do homem e da mulher, requerem a aplicação de meios adequados por eles e tais meios devem ser aprendidos no Kama Shastra. A não-aplicação dos meios adequados, como observados entre os animais irracionais, deve-se ao fato de não estarem sujeitos a quaisquer restrições, de as fêmeas apenas se encontrarem aptas para as relações sexuais em determinadas ocasiões e, finalmente, de as suas relações sexuais não serem precedidas de qualquer reflexão.<sup>49</sup>

---

<sup>45</sup> MANU. **Leyes de Manú...** Op. Cit., p. 125.

<sup>46</sup> VATSYAYANA, M. Op. Cit., 1988. p. 117.

<sup>47</sup> Conforme destacou Richard Sennett, características semelhantes podem ser encontradas na literatura católica. Sobre a temática, sugerimos a leitura de: SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.** Tradução de Marcos Aarão Reis. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

<sup>48</sup> GALLOTTI, Alicia. **Kama Sutra e outras técnicas...** Op. Cit., p. 32.

<sup>49</sup> VATSYAYANA, M. Op. Cit., 1988. p. 71. O termo *Kama Shastra*, citado no fragmento acima, refere-se ao livro escrito por Babhravya, que antecedeu Vatsyayana e, igualmente, pertenceu à tradição *Kama Sutra*. O *Kama Shastra* influenciou, sobremaneira, o *Kama Sutra* de Vatsyayana.

Apesar da abordagem de Vatsyayana não ser, unicamente, a do prazer erótico, não se pode mais negar que as performances sexuais tiveram considerável destaque em seu discurso. Vatsyayana descreveu que “KAMA é o gozo dos objetos adequados pelos cinco sentidos – audição, tato, visão, paladar e olfato – com a ajuda da mente e da alma. A sua essência é um contato peculiar do órgão sensório com seu objeto, sendo a consciência do prazer resultante desse contato chamada Kama”.<sup>50</sup> Assim, o autor defendeu a tomada de consciência do prazer decorrente do desfrute pelos cinco sentidos como uma necessidade existencial:

“os prazeres tão necessários à existência e bem-estar do corpo quanto os alimentos, são, por conseguinte igualmente legítimos. Constituem, além disso, emanações de Dharma e de Artha. Os prazeres devem, portanto, ser procurados com moderação e prudência”.<sup>51</sup>

Neste sentido, as práticas de *Kama* prescritas no *Kama Sutra* são, sobretudo, orientadas para as práticas sexuais.

Sobretudo no Capítulo II (sobre a união sexual) do antigo *Kama Sutra*, Vatsyayana dissertou sobre as várias performances possíveis para a satisfação plena dos indivíduos através da atividade sexual: modos de beijar, abraçar, arranhar, posições sexuais, entre outras. Certamente, este foi o Capítulo do livro mais significativo para Gallotti construir de uma representação sobre a sexualidade oriental. Assim, do livro, foi “decantado” certas características do hedonismo,<sup>52</sup> que afirma que o prazer é o supremo bem da vida humana. Isto possibilitou, dentre outros fatores, a apropriação do *Kama Sutra* como um bem cultural, bem como sua ressignificação como um manual sexual, distinguindo a narrativa acerca das práticas sexuais de toda a moral instituída e presente nos demais Capítulos do livro.

---

<sup>50</sup> VATSYAYANA, M. Op. Cit., 1988. p. 70.

<sup>51</sup> Ibidem. p. 73.

<sup>52</sup> Em minha Dissertação de Mestrado, há uma discussão sobre a doutrina filosófico-moral do hedonismo da Antiguidade indiana, que influenciou a constituição do *Kama Sutra* de Vatsyayana. Por isso, aos interessados na temática, sugerimos a leitura de: WEISSHEIMER, Felipe Salvador. **Richard Francis Burton e a inserção do Kama Sutra como um manual sexual entre os vitorianos (Inglaterra, 1883)**. Marechal Cândido Rondon, 2014. 129 p. Dissertação (Mestrado em História) – UNIOESTE.

## A subversão do caráter transcendental do sexo

Outra tradição presente nos discursos de Gallotti, sobre as “técnicas sexuais orientais”, é o tantrismo. Diferente do *Kama Sutra* de Vatsyayana, a tradição tântrica não observa nas práticas do *Dharma* (preceitos religiosos) um dever ético que, conforme consta no *Código de Manu*, se não cumprido, poderia levar a destruição da raça humana ou a ruína do Universo;<sup>53</sup> por sua vez, esta “manutenção do Universo” se daria a partir da prática sexual.

Sobre essa peculiar noção de Tempo dos hindus, Raimundo Panikkar,<sup>54</sup> que foi doutor em ciência, filosofia e teologia (sendo que a filosofia hindu foi um de seus temas mais analisados), destacou que na Índia védica acreditava-se que a existência do Universo e, conseqüentemente, da história, do homem e do cosmos, estaria sob o domínio de duas forças superiores: o tempo e a ação. Acreditava-se que o fluxo temporal dos acontecimentos só existia mediante o ato do sacrifício. Esta concepção estava na base da relação entre o culto religioso e os acontecimentos temporais, e é a chave para compreendermos a importância atribuída às práticas de sacrifícios religiosos e a crença na participação do indivíduo no desenrolar do tempo. Não existia distinção entre o tempo e o acontecimento para os hindus, existia tão somente o fluxo temporal. O fluxo temporal seria algo que os indivíduos fazem em colaboração com os deuses, mediante a prática do sacrifício. Pelo ato do sacrifício e no tempo certo, acreditava-se que o Universo nasceu e poderia ser destruído. Entretanto, o sacrifício estava subordinado ao tempo, por isso a importância atribuída pelos hindus à consulta astrológica para saber os presságios que o destino reservaria aos indivíduos.<sup>55</sup>

Segundo Georg Feuerstein, que é Doutor em História da Religião, praticante da tradição tântrica e conhecido mundialmente por publicar estudos sobre as tradições orientais para adeptos ocidentais, o Tantra<sup>56</sup> (ou tantrismo), é uma

---

<sup>53</sup> MANU. **Leyes de Manú...** Op. Cit., p. 353.

<sup>54</sup> PANIKKAR, Raimundo. Tempo e história na tradição da Índia. In: RICOEUR, Paul (Org.). **As culturas e o tempo**. Tradução de Gentil Tilton, Orlando dos Reis e Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Vozes, 1975. p. 73-94.

<sup>55</sup> Ibidem. p. 74-78.

<sup>56</sup> Conforme destacou Georg Feuerstein, “*Tantra* é um termo sânscrito que, como o termo *yoga*, tem muitos significados distintos mas basicamente relacionados. No nível mais mundano, denota *teia* ou *urdidura*. No nível mais mundano, Deriva do radical *tan*, no sentido de *expandir*. Este radical também forma a palavra *tantu* (fio ou *cordão*). Enquanto um fio é alguma coisa extensiva, uma teia

tradição esotérica ramificada e complexa, de origem indiana. Apareceu por volta do ano 500 da Era Cristã, mas há indícios de uma história muito mais longa, sendo que, segundo afirmou o autor, o tantrismo alcançou sua maturidade por volta do ano 1000 d.C., na escola filosófica de Abhinava Gupta; tendo influenciado, sobremaneira, algumas ramificações tanto do budismo (como no caso do budismo tibetano Vajrayana), quanto do hinduísmo.<sup>57</sup>

A relação moral entre os seguidores do tantrismo e das tradições bramânicas (inspiradas, por exemplo, nas prescrições morais e jurídicas do *Código de Manu*) foi conflituosa. Conforme destacou Feuerstein,<sup>58</sup> o Tantra teve origem e se desenvolveu como uma tradição marginal na sociedade hindu, fornecendo um caminho para todos aqueles que ansiavam por uma experiência espiritual direta, mas que consideravam (ou eram excluídos) o hinduísmo ortodoxo (bramânico e dividido em castas) por demais restritivo e exclusivista. Desta forma, os círculos tântricos eram abertos para todas as castas – característica que era evidente, por exemplo, nos rituais, nos quais brâmanes e “intocáveis” bebiam da mesma taça, comiam do mesmo prato e, livremente, misturavam seus fluidos corporais –, pois, durante o *cakra-pujã* (que era uma prática mística e ritualística) todos eram transformados em seres sagrados (deuses e deusas), livres de toda a estereotipia cultural e restrições sociais.<sup>59</sup>

Na mitologia tântrica as divindades Shiva e Parvati, que representam os aspectos masculino e feminino da Natureza, engendram o Universo a partir do ato sexual. No tantrismo, acredita-se que o homem e a mulher são semelhantes à Shiva e Parvati e que o sexo é um momento ritual (*maithuna*) no qual os parceiros podem canalizar suas energias para os mais variados fins, “engendrando” o Universo de modo análogo ao mito. Ou seja, o *maithuna* é uma ritualização do mito sexual de Shiva e Parvati.

---

sugere expansão. *Tantra* pode também representar *sistema, ritual, doutrina e compêndio*. Segundo explicações esotéricas, *tantra* é o que expande o *jnãna*, que pode significar *conhecimento ou sabedoria*” Cf: FEUERSTEIN, Georg. **Tantra**: sexualidade e espiritualidade. Tradução de Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Record Nova Era, 2001. p. 17.

<sup>57</sup> Ibidem. p. 10.

<sup>58</sup> Ibidem.

<sup>59</sup> Ibidem. p. 297-298.

No *Kama Sutra e outras técnicas orientais*, o mito tântrico aparece de forma muito ligeira em duas partes do livro. Primeiramente, no momento em que a autora escreveu sobre a importância das carícias na atividade sexual: “quando as carícias são feitas sem pressa e com generosidade, como se fosse uma cerimônia sagrada, é possível brincar com cada ponto do corpo e a pessoa acariciada receber a energia erótica na sua plenitude”;<sup>60</sup> trecho que se completa com uma referência ao tantrismo:

No tantrismo, o que é sugerido ou insinuado, o que aparece envolto num véu de segredo, é muito mais atraente do que o direto ou o evidente. É mais interessante indicar o que se deseja do que dizê-lo diretamente; é mais estimulante pressionar levemente do que apertar com força, roçar do que apalpar; a expectativa sexual contém uma forte carga erótica.<sup>61</sup>

Num segundo momento, o mito tântrico aparece no livro num trecho em que a autora descreveu algumas posições sexuais, que são construídas a partir de uma narrativa da ordem da fantasia erótica: “o amante tântrico: ele sonha em prestar uma homenagem sexual à companheira, acredita que adivinha suas fantasias, pois ela é a deusa com quem quer se divertir, dando-lhe o prazer intenso que sentirá como o seu próprio”.<sup>62</sup>

Diferente de uma simples mitificação fantasiosa do sexo, as práticas tântricas tinham objetivos espirituais, pelo menos se considerarmos algumas referências importantes na história da tradição. Um dos livros significativos do tantrismo é o *Ananga Ranga*, escrito originalmente em sânscrito por Kalyana Malla. Segundo consta no *Ananga Ranga*, Kalyana Malla era da casta dos brâmanes (a mais elevada casta hindu, a sacerdotal) e teria escrito o referido tratado para a instrução de Lada Khan, que era filho do vice-rei de Gujarat (centro-oeste da Índia), possivelmente entre os séculos XV-XVI. O livro foi composto a partir da compilação e ressignificação de livros antigos da tradição hindu, incluindo o *Kama Sutra*. Segundo Henry Spencer Ashbee<sup>63</sup> foi escrito para o “uso de um monarca da

---

<sup>60</sup> GALLOTTI, Alicia. *Kama Sutra e outras técnicas...* Op. Cit., p. 21.

<sup>61</sup> Ibidem. p. 21.

<sup>62</sup> Ibidem. p. 129.

<sup>63</sup> Henry Spencer Ashbee, assim como Richard Francis Burton, também compôs a Sociedade Hindu Kama Shastra, grupo responsável pela primeira tradução inglesa do *Kama Sutra* de Vatsyayana.

raça Lodi”.<sup>64</sup> Entretanto, o tratado popularizou-se no Oriente, sendo encontrado em várias regiões e idiomas. Conforme afirmou Forster Fitzgerald Arbuthnot,<sup>65</sup> o objetivo do livro era evitar a separação do casal,<sup>66</sup> mediante a prescrição de várias práticas para obter o prazer sexual embasadas na metafísica transcendental da tradição tântrica.

No *Ananga Ranga*, por exemplo, está escrito que, mediante a compreensão e a prática da arte sexual contida no livro, o homem poderia ser dispensado “da transmigração de almas posteriores” e poderia juntamente com sua esposa reencarnar diretamente no *Svarga* (céu).<sup>67</sup> Ou seja, nessa perspectiva, a prática sexual seria um caminho possível para se alcançar a liberação da alma das sucessivas reencarnações; não apenas uma atividade que proporcionaria prazer aos praticantes.

Em Gallotti, essas características do tantrismo são simplesmente desconsideradas, haja vista que, de um modo generalizante, a autora afirmou que na “cultura sexual do Oriente encontra-se a busca do prazer pelo prazer, não fazendo do sexo uma maratona competitiva com o objetivo de atingir metas”.<sup>68</sup> Portanto, diferente do proposto pelo *Ananga Ranga*, o sexo não seria um veículo para a “transmigração da alma”, mas apenas uma fonte de prazer.

### **A transgressão ao caráter místico do sêmen**

Outro aspecto importante, presente tanto no tantrismo quanto no taoísmo chinês e que, nem de longe, é comentado por Gallotti, diz respeito às qualidades

---

Conhecido como o dono do segundo maior acervo de livros eróticos do período (perdendo somente para o Vaticano), ajudou na divulgação do antigo *Kama Sutra*, publicando um verbete em seu *Index de Livros Proibidos* e escrevendo um artigo no jornal *The Bibliographer: A Journal of Book-lore*, Volume V, edição semestral de dezembro de 1883 a maio de 1884, edição de Londres-Inglaterra por Elliot Stock, e de Nova York-Estados Unidos por J. W. Bouton. Tomando como referência o *Index de Livros Proibidos*, percebemos que Ashbee era um grande conhecedor da literatura erótica vitoriana, inclusive de origem oriental.

<sup>64</sup> ASHBEE, Henry Spencer. **Index de livros proibidos**. Tradução de H. Dobal e Aurélio de Lacerda. Rio de Janeiro: Artenova, 1970. p. 144.

<sup>65</sup> Forster Fitzgerald Arbuthnot, também integrante da Sociedade Hindu Kama Shastra, era um inglês de família nobre, mas que trabalhava na Índia como funcionário público. Foi um grande orientalista e o principal tradutor do *Ananga Ranga* de Kalyana Malla e do *Kama Sutra* de Vatsyayana do sânscrito para o inglês, na Índia.

<sup>66</sup> ARBUTHNOT *apud* ASHBEE, H S. Op. Cit., p. 144.

<sup>67</sup> MALLA, Kalyana. **Ananga-ranga**. Tradução de Olívio Tavares de Araújo. Brasília: Brasília, s/d. p. 27.

<sup>68</sup> GALLOTTI, Alicia. **Kama Sutra e outras técnicas...** Op. Cit., p. 13.

místicas e espirituais do sêmen. No caso do taoismo chinês refere-se crença de que a parcimônia espermática – ou, em termos genéricos, a economia do sêmen – promoveria, por exemplo, a longevidade (ou, até mesmo a imortalidade); já em relação ao tantrismo, o sêmen, segundo a crença, promoveria uma experiência mística de “iluminação espiritual”.

No livro *Primeiro tratado chinês do amor*, Liéou-Tsung<sup>69</sup> destacou que a “ciência do amor” taoista, na qual cultiva uma preocupação especial com o sêmen, pode ser observada desde os antigos princípios dispostos pelo Imperador Amarelo Huang Ti Nei Ching, no remoto ano de 2634 a.C., mas que, também, já conhecidas pelo Imperador Fo-Hi, aproximadamente 800 anos antes. Segundo ele, os imperadores e sacerdotes, conhecedores desta “misteriosa ciência secreta”, eram capazes de “incríveis prodígios sexuais”, presentes nas lendas sobre o intercuro deles com milhares de concubinas em pequenos períodos de tempo.

O livro de Liéou-Tsung, que descreve os antigos princípios descritos pelo Imperador Huang Ti, trata, basicamente, dos ritmos adequados para o intercuro sexual, tendo vistas à conservação da “essência” (sêmen) masculina, na intenção de elevar os praticantes “ao mais alto grau de perfeição e refinamento” existenciais.<sup>70</sup> Para tanto, o autor apresentou em seu livro complexos diagramas chineses, que descrevem os graus de harmonia e desarmonia sexual de acordo com os ritmos da natureza.

A lógica taoista, descrita pelo autor, é a de que o Universo é dual, composto por movimentos rítmicos das energias *Yin* e *Yang* presentes em toda a natureza:

Alicerçadas nas profundezas da metafísica chinesa, as concepções de ritmo da polaridade YIN-YANG, nos fluxos de energia vital ou CHI, são usadas para estabelecer uma frequência sexual ressonante, que como veremos mais adiante, permite a utilização das reservas intocadas de energia sexual, existentes em cada pessoa.

De acordo com a filosofia chinesa, o universo se apresenta segundo a dualidade fundamental YANG-YIN, e o seu ritmo rege o espaço e o tempo, e a sua harmonia ou desarmonia explica todos os aspectos da vida humana. O YANG, ou princípio positivo, se manifesta na força, na luz, na atividade, é solidário e também oposto ao YIN, ou princípio negativo, manifesto na inércia, na escuridão, na passividade. Rivals, mas também complementares, o YIN e o YANG representam a oposição e a

---

<sup>69</sup> TSUNG, Liéou. **Primeiro tratado chinês do amor**. S.l.: Intax Ltda, s/d.

<sup>70</sup> Ibidem. p. 42.

união dos opostos, fundamentos da ordem social, universal, familiar e principalmente da que trataremos com mais atenção, a ordem fisiológica manifesta na força sexual. O universo é um grande equilíbrio no ritmo constante e ordenado nas mutações de YIN e YANG. A desarmonia, neste ritmo, acarreta catástrofes aos homens.<sup>71</sup>

Desta forma, entende-se que as manifestações de *Yin* e *Yang* correspondem, respectivamente, aos gêneros feminino e masculino e se fazem presentes na energia vital (*Chi*) de cada pessoa e, de modo especial, na energia sexual. A ejaculação espermática seria uma forma de dispersão da essência *Yang*, que, em função de ser uma energia vital, poderia proporcionar a perda de vitalidade. Supostamente, quanto maior fosse a retenção desta energia, mediante técnicas de contenção do gozo e dos ritmos adequados para o coito, maior seria a preservação da energia vital. Mas, inversamente, quanto maior a obtenção da energia *Yin*, que se manifestaria no orgasmo feminino, maior seria a longevidade.

Sob outra lógica das relações de gênero, mas, também, baseados nos ensinamentos nos ensinamentos de Huang Ti, o livro *Os ensinamentos sexuais da tigresa branca* descreve variadas práticas presentes numa seita de cortesãs taoistas que, tendo por prática sexual principal a felação, se utilizam do sêmen masculino para variados objetivos, que variam desde a preservação juventude até mesmo objetivos mais sublimes, como a imortalidade da alma. Em *Os ensinamentos sexuais da tigresa branca*,<sup>72</sup> o autor Hsi Lai, descreve boa parte dos ensinamentos presentes nesta seita de cortesãs, narrados pela Madame Lin – pseudônimo utilizado pela mestra do ramo da seita estudada pelo autor –, na qual o sêmen é tido como um “elixir essencial” para uma tigresa branca (seguidora da seita). Portanto, na metafísica sexual taoista, há uma preocupação fundamental com a preservação e obtenção dos fluídos sexuais.

Já no tantrismo, a retenção do sêmen teve significativo destaque na ritualização do sexo. Um dos estudos que destacam a importância destas práticas na cultura sexual tântrica pode ser observado na obra *Tantra: sexualidade e espiritualidade*, de Georg Feuerstein, na qual o autor apresenta algumas

---

<sup>71</sup> Ibidem. p. 15.

<sup>72</sup> HSI, Lai. **Os ensinamentos sexuais da Tigresa Branca**: segredos das mestras taoístas. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Aquariana, 2004.

informações sobre essas práticas entre os Sahajiyas, que são praticantes de um ramo do tantrismo:

Os Sahajiyãs pensavam da sua natureza divina em termos da “pessoa inata” (*sahaja-mānusha*) que pode ser percebida ao se extrair ou produzir o líquido essencial (*rasa*) ou, como Glen Hayes traduz o termo, “suco divino”. Este líquido imortal e imortalizante torna-se acessível através do processo tântrico de reversão, particularmente o movimento para cima do sêmen (*urdhva-retas*) durante o intercurso sexual. Em outras palavras, o próprio fluido (isto é, o sêmen), em geral ejetado do corpo, é cuidadosamente preservado e transmutado em *rasa*, que por sua vez traz a imortalidade na forma da pessoa dentro do coração, o verdadeiro homem ou mulher. As escrituras tântricas, apoiadas na terminologia ayurvédica, falam de conversão do sêmen em *ojas*, que é alimento básico para o processo espiritual. Segundo o Kaula-Jnāna-Nirṇaya (14.57), ao transmutar o sêmen o iniciado ganha oito poderes paranormais (*siddhi*). A preservação do sêmen e a energia que ele representa é um aspecto importante do Tantra que é quase ignorado por completo no neotantrismo ocidental, cujos devotos tiraram sua orientação do *Kāma-Sutra* em vez da herança tântrica.<sup>73</sup>

Ou seja, em termos gerais, nas práticas tântricas havia a crença numa possibilidade, mediante a contenção da ejaculação, na transmutação do sêmen (no sentido alquímico) em uma substância de caráter espiritual, que possibilitaria o desenvolvimento de “poderes paranormais”.

Não podemos negar que a tradição tântrica, se comparado com o hinduísmo ortodoxo e com o taoísmo chinês, desenvolveu formas de sociabilidade muito mais livres de restrições sociais ou de gênero; inclusive reconhecendo a existência de um “sêmen feminino” (*kama salila*) materializado nas secreções vaginais das mulheres em estado de excitação. No entanto, há questões de gênero importantes a serem ressaltadas e que têm haver com as perspectivas nas quais a sexualidade feminina foi interpretada nesta tradição: a maioria dos tratados tântricos antigos disponíveis na atualidade foi escritos por homens; portanto, o discurso que se materializou nesses tratados se constituiu a partir de uma experiência masculina. Ao passo disso, também há uma incompreensão dos mecanismos de funcionamento, tanto fisiológicos quanto psíquicos e emocionais, da sexualidade feminina em vários aspectos, sejam eles relacionados à natureza reprodutiva dos órgãos sexuais, ao orgasmo, a excitação, o prazer, entre outros; incompreensões

---

<sup>73</sup> FEUERSTEIN, G. Op. Cit., p. 264.

que se materializam numa leitura sobre a sexualidade feminina medida a partir de experiências masculinas: um exemplo disso é não distinguir a natureza do sêmen – elemento da fisiologia masculina – e utilizá-lo como referência universal de um “líquido essencial” para homens e mulheres, no processo de consagração espiritual.

De qualquer forma, não foi sobre o “líquido essencial” (de caráter místico e espiritual) que Gallotti referenciou suas considerações sobre as técnicas sexuais tântricas em seus livros; mas, sobre a possibilidade utilizar-se de técnicas para prolongar o tempo do coito:

Há alturas em que o ato sexual é tão satisfatório que gostaríamos de prolongá-lo ao máximo. Por meio de práticas simples – algumas de inspiração tântrica, adaptadas ao Ocidente – é possível lá chegar. A mais simples consiste em utilizar a própria respiração para retardar ou inibir a ejaculação.<sup>74</sup>

Além disso, Gallotti também escreveu sobre outras técnicas, que consistem tanto em comprimir a base da glândula, quanto pressionar a região externa correspondente à próstata (entre o ânus e a parte superior do escroto), todas com a finalidade de prolongar o ato sexual ao máximo.<sup>75</sup> Outras possibilidades, mais subjetivas, foram sugeridas por Gallotti, e que tem uma ligação direta com as práticas meditativas:

Faz parte da maneira de ser e do estilo de vida dos orientais o exercício de um controle mental sobre cada ato do cotidiano, sendo um deles a sexualidade. Do ponto de vista dos ocidentais isto é uma frivolidade; no entanto, e longe disso, são precisamente essas atitudes adaptadas a nosso estilo de vida ocidental que provocam uma muito maior intensidade sensorial.

O único equipamento necessário é uma boa dose de imaginação e fantasia, ao que se deve juntar a imprescindível atitude de desinibição que permite passar todas as barreiras do pudor, aplicando as infinitas possibilidades oferecidas pela sabedoria ancestral criada para estimular a libido até limites impensáveis.<sup>76</sup>

No mais, Gallotti tangenciou o assunto, sem aprofundar, com detalhes, sobre quais seriam exercícios possíveis para se operar o “esmero” controle mental dos

---

<sup>74</sup> GALLOTTI, Alicia. **Kama Sutra e outras técnicas...** Op. Cit., p. 47.

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> Ibidem. p. 46.

orientais, delegando, de modo simplista, a imaginação e a fantasia características essenciais da suposta “sabedoria ancestral”. No entanto, de qualquer forma, conforme criticou Feuerstein,<sup>77</sup> essas não podem ser consideradas técnicas tântricas, mas apenas elaborações contemporâneas e ocidentais sobre o tantrismo tradicional, chamado por ele de “neotantrismo”; haja vista que, segundo ele afirmou, o êxtase tântrico (de caráter espiritual) não pode ser confundido com uma mera sensação de excitação sexual:

A escassez de pesquisa e publicações sobre a herança tântrica do hinduísmo cedeu lugar, nos últimos anos, a uma safra completa de livros populares mal-informados sobre o que chamei de *neotantrismo*. Sua condenação vai tão longe que um verdadeiro iniciado mal reconheceria a herança tântrica nessas obras. A distorção mais comum é apresentar o Tantra Yoga como uma mera disciplina do sexo ritualizado ou sagrado. Na mentalidade popular, o Tantra se tornou equivalente a sexo. Nada poderia estar mais longe da verdade!

Examinei alguns desses livros populares, os quais um bem conhecido *lama* tibetano chamou jocosamente de “Tantra da Califórnia”. Uma vez cheguei até a assistir metade de um vídeo sobre neotantrismo, inteiramente primário e essencialmente pornográfico. Em ambos os casos fiquei com uma forte impressão de que essas publicações neotântricas são baseadas numa profunda incompreensão da filosofia tântrica. Seu erro principal é confundir o êxtase tântrico (*ānanda*, *mahāsukha*) com o prazer comum do orgasmo. De fato, as palavras *prazer* e *alegria* são os principais ganchos na literatura neotântrica. Essas publicações podem ajudar as pessoas a procurar uma vida sexual mais gratificante ou divertida, mas na maioria dos casos se encontram bem distantes do verdadeiro espírito do Tantra. Neste sentido, são deploravelmente mal direcionadas, pois, em vez de despertar o impulso de se alcançar a iluminação em benefício de todos os seres, elas tendem a estimular o narcisismo, a auto-ilusão e as falsas esperanças.<sup>78</sup>

De fato, embora os Kama Sutas de Gallotti não sejam, essencialmente, voltados para uma pornografia no “sentido popular” – com fotografias de sexo explícito – a autora se utilizou de vários recursos pornográficos, tais como a gravura de corpos belos e nus, que ilustram, na maioria das vezes, as posições descritas nos livros. Certamente, essas gravuras possuem tanto um sentido didático, quanto incitativo ao sexo. Além disso, as capas de seus livros possuem imagens muito eróticas e excitantes, o que indica, por exemplo, a intenção de cativar o público em geral como um marketing que possibilite a venda dos livros.

---

<sup>77</sup> FEUERSTEIN, G. Op. Cit.

<sup>78</sup> Ibidem. p. 13.

## A transgressão da autoridade do guru na transmissão do conhecimento

Além das críticas de Feuerstein sobre as distorções enunciadas acima, também ressaltou outras diferenças entre o tantrismo tradicional e o neotantrismo, que merecem nossa atenção, sobretudo em função da forma pela qual o conhecimento é transmitido dentro da tradição, qualidade que é uma condição indispensável, segundo ele, para se alcançar os verdadeiros conhecimentos:

Muitos são atraídos para o neotantrismo porque ele promete excitação sexual ou realização, enquanto nada mais faz senão revestir de uma aura de espiritualidade os impulsos genitais ou as necessidades emocionais neuróticas. Se conhecermos mais sobre a história do Tantra na Índia, sem dúvida encontraremos uma situação comparável para cada geração. Em outras palavras, a atitude que caracteriza muitos neotânicos hoje também caracterizou muitos daqueles que em séculos passados bandearam-se para os círculos tântricos pelos motivos errados. Os *Tantras* não conteriam tantas advertências se os buscadores autênticos tivessem encontrado sozinhos o seu caminho para o tantrismo. Em todas as épocas tem havido caçadores de emoções, e os ensinamentos sagrados não foram poupados das suas intrusões espreitadoras. Hoje as traduções de vários *Tantras* importantes estão prontamente disponíveis em forma de livro, e muitas práticas antigamente secretas são agora, na linguagem dos textos, “como prostitutas vulgares”. Isto dá aos pseudotânicos a oportunidade de forjar suas próprias cerimônias e filosofias idiossincráticas, que eles podem então promover como tântricas.<sup>79</sup>

Conforme consta em muitos manuais tântricos, as técnicas de transmutação da energia sexual-espiritual são demasiado complexas e facilmente confundíveis com uma simples retenção do sêmen. Por isso, caberia ao iniciado no tantrismo praticá-las mediante as prescrições e advertências de um guru versado no conhecimento da tradição. Michel Foucault, em *História da sexualidade: a vontade de saber*, fez referências importantes sobre as relações entre gurus e iniciados, presentes nas tradições orientais, sobretudo relacionadas à transmissão de conhecimentos sobre o sexo. Segundo ele, esta é uma das formas de se produzir uma “verdade sobre o sexo”, denominada por ele de *ars erotica* (arte erótica):

Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei

---

<sup>79</sup> Ibidem. p. 300.

absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos. Dessa forma constitui-se um saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado. A relação com o mestre detentor dos segredos é, portanto, fundamental; somente este pode transmiti-lo de modo esotérico e ao cabo de uma iniciação em que orienta, com saber e severidade sem falhas, o caminho do discípulo. Os efeitos dessa arte magistral, bem mais generosa do que faria supor a aridez de suas receitas, devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças.<sup>80</sup>

Inclusive, é sobre esta transmissão de conhecimento desenvolvida na *ars erotica*, que se operaria na relação entre guru e discípulo, que Feuerstein proferiu críticas sobre os adeptos ocidentais do “neotantrismo” que desconsideram a importância de velar pelo conhecimento esotérico presente nas práticas tradicionais do Tantra:

Muitos buscadores ocidentais estiveram em conflito com a função do *guru*, a qual é muito estranha à nossa cultura, uma cultura na qual nem sequer respeitamos mais os nossos idosos. Inquestionavelmente, houve uma infinidade de exemplos lamentáveis em anos recentes em que *gurus* bem conhecidos no Oriente falharam em reviver os padrões mais elevados de sua tradição. Houve também muitos casos nos quais os mestres orientais não entenderam a psicologia de seus discípulos ocidentais, causando consternação e frustração, ou pior. Alguns buscadores ocidentais abandonaram a idéia de um discipulado inteiramente tradicional, optando por um estilo de ensinamento e aprendizado mais “democrático”. Para eles o relacionamento *guru-discípulo* tradicional é assimétrico demais, com o discípulo adotando o papel de “vítima”. Eles preferem aprender e crescer a partir da interação com seus pares.<sup>81</sup>

Ou seja, seguindo esta lógica, o “verdadeiro conhecimento”, ou, mais especificamente, a “verdade sobre o sexo”, se incitada de modo vulgar, perde sua eficácia, em função da própria hierarquia se constituir como um valor no processo

---

<sup>80</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 65-66.

<sup>81</sup> FEUERSTEIN, G. Op. Cit., p. 300-301.

de transformação existencial proposto pela tradição. Foucault completou ainda que, nossa civilização ocidental, a primeira vista, não possui uma *ars erotica*; mas, em compensação é a única a praticar uma *scientia sexualis* (ciência sexual): uma forma de dizer a verdade sobre o sexo em função de uma forma de poder-saber sobre aquilo que é “essencial ao sexo”, rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão.<sup>82</sup> A sexologia – da qual Gallotti advoga um reconhecimento e um poder simbólico que a “autoriza” a se pronunciar em nome do campo –, é uma expressão desta ciência sexual, moderna e ocidental. No entanto, há características intrínsecas importantes, tanto da sexologia em relação ao campo da ciência sexual; quanto dos discursos de Gallotti em relação ao campo da sexologia, que destacamos, anteriormente.

Por hora, o que é relevante, a partir das descrições de Foucault sobre a *ars erotica* e a *scientia sexualis*, é que o que está em jogo nas prescrições e sugestões de Gallotti em suas representações sobre o Oriente, não é uma verdade sobre o sexo tal como a construída a partir de uma *ars erotica*, praticada pelos orientais; afinal de contas, o poder simbólico no qual a autora está investida não está ligado a uma transmissão de conhecimento no estilo esotérico, velado, tradicional. Pelo contrário, o poder simbólico da autora é investido a partir do campo da sexologia moderna. No entanto, é uma sexologia orientalista, na qual as fronteiras entre a *ars erotica* e a *scientia sexualis* parecem (ou se fazem parecer), por vezes, permeáveis; mas que se constitui, sobremaneira, a partir das experiências e da epistemologia moderna científica e ocidental.

Essa experiência histórica fundada a partir da formação discursiva sexológica é latente nos livros de Gallotti e configurou o modo pelo qual a autora ressignificou as tradições orientais. É uma das características da sexologia moderna, fundada a partir da crítica aos supostos efeitos negativos provenientes da repressão sexual (teoria das neuroses), e isto ficou evidente na busca da autora em transgredir todos os “intermediários” (instituições sociais e religiosas) em relação à verdade sobre o sexo. Isto explica o fato da autora negligenciar a

---

<sup>82</sup> FOUCAULT, M. Op. Cit., p. 66.

importância indispensável do guru no processo de conhecimento de uma verdade sobre o sexo aos moldes orientais.

### **Considerações finais**

O grande mote discursivo de Gallotti, que ligou toda a temática orientalista à sexologia moderna e que fundamentou suas representações, é a ideia da existência de uma energia sexual que, se reprimida, poderia desencadear uma psicopatologia, ligada à ordem da neurose. Esta “energia” foi retratada nos livros da autora como presente em todo o corpo nos *chakras* energéticos (termos das tradições orientais), mas que se manifestaria na libido, na pulsão, no desejo, no orgasmo e na excitação sexual (termos sexológicos). Ou seja, a autora criou uma ponte teórica e discursiva entre uma teoria presente no campo simbólico das tradições orientais com o campo da sexologia moderna, mas seria um equívoco confundi-las, haja vista suas peculiaridades. Desta forma, numa relação de contraste e alteridade, ela conseguiu se utilizar de um discurso sobre o Oriente para refletir (e impor) visões sobre o Ocidente, sobretudo numa perspectiva sexológica e orientalista.

Um dado importante que merece destaque, que nos detemos de modo especial na sequência deste trabalho, é que nas ressignificações sobre o Oriente, mas, também, de modo expressivo na construção das identidades de gênero nos livros que analisados, Gallotti não reproduziu as ordens androcêntricas que fundavam as hierarquias de gênero e sexuais presentes nas antigas tradições. Para ela, tanto homens quanto mulheres, independente de suas orientações, poderiam usufruir, sem restrições, dos prazeres sexuais. Assim, ela produziu um efeito discursivo que condiz com boa parte das discussões e pautas de luta dos movimentos feministas e dos ativismos homossexuais da atualidade, que é permeado pela experiência de gênero de Gallotti que, enquanto mulher, possibilitou romper com as ordens androcêntricas.

Posto isto, embora pareçam sem fundamentos as ressignificações discursivas de Gallotti sobre as tradições orientais, havia um sentido imanente para a construção dessas representações. Gallotti buscou transgredir os poderes tradicionais e as hierarquias sociais, sexuais e de gênero das antigas tradições, apresentando aquilo que, segundo ela, poderia ser útil aos leitores atuais. Cabe ao

leitor decidir se seria um dever ético de Gallotti reproduzir os discursos, mantendo as hierarquias sexuais, de gênero e das “falas autorizadas” tradicionais do antigo *Kama Sutra* e das outras tradições orientais. Todavia, é importante destacar que as ressignificações de Gallotti são discursos sobre as identidades de gênero e a sexualidade. Embora a autora tenha um posicionamento mais permissivo quanto à sexualidade, ela também descreve e prescreve formas “adequadas” de se vivenciar as experiências sexuais, normalizando padrões de comportamento. Portanto, são passíveis de análises e questionamentos.

### **Fontes:**

BURTON, Richard Francis. Introdução, considerações finais e notas informativas. *In: VATSYAYANA, Mallanaga. Kama Sutra*. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. F. Arbuthnot. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CÔRTEZ, Janner Rangel; D'ANGELO, Edson. **Ayurveda**: a ciência da longa vida. São Paulo: Madras, 2008.

FEUERSTEIN, Georg. **Tantra**: sexualidade e espiritualidade. Tradução de Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Record Nova Era, 2001.

GALLOTTI, Alicia. **Kama Sutra e outras técnicas orientais**: os segredos do Oriente ao seu alcance. Tradução de J. Nogueira. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

\_\_\_ **Kama Sutra gay**. Tradução de M. C. Lopes. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

\_\_\_ **Kama Sutra para a mulher**: sexo sem limites. Tradução de Magnolia Léon. São Paulo: Temas de Hoje, 2003.

\_\_\_ **Kama sutra para lésbicas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

\_\_\_ **Kama Sutra para o homem**. Tradução de Magnolia Léon. São Paulo: Temas de Hoje, 2003.

\_\_\_ **Kama sutra XXX**: as práticas sexuais mais inconfessáveis. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

\_\_\_ **Kama Sutra**: as 101 posições mais sensuais. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

- \_\_\_ . **Kama-Sutra do sexo oral**: os segredos do prazer para ele e para ela. Tradução de M. Lopes. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- \_\_\_ . **Novo Kama Sutra ilustrado**: As melhores posições para fazer amor. Tradução de Magnolia León. São Paulo, Temas de Hoje, 2003.
- HSI, Lai. **Os ensinamentos sexuais da Tigresa Branca**: segredos das mestras taoístas. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Aquariana, 2004.
- MALLA, Kalyana. **Ananga-ranga**. Tradução de Olívio Tavares de Araújo. Brasília: Brasília, s/d.
- MANU. Introdução. In: \_\_\_ . **Leyes de Manú**. Manava-Dharma-Sastra. Buenos Aires: Scharpire, 1945. p. 09-11.
- \_\_\_ . **Leyes de Manú**. Manava-Dharma-Sastra. Buenos Aires: Scharpire, 1945.
- PATANJALI. **Os aforismos da yoga de Patanjali**. Rio de Janeiro: Brand, s/d.
- PETTER, Frank A.; USUI, Mikao. **Manual de Reiki do Dr. Mikao Usui**. 9ª edição. São Paulo: Pensamento, 2007.
- REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**: problemas econômico-sexuais da energia biológica. 9ª edição. Tradução de Maria da Glória Novak. São Paulo: Brasiliense, 1975.
- RIG VEDA. In: YUTANG, Lin. **Piedade indiana e humor indiano**. Tradução de Beata Vettori e Marques Rebelo Sodré Vianna. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. P. 27-54.
- ROCHA, Aderson Moreira da. **A tradição do ayurveda**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2010.
- SARASWATI, Aghorananda. **Mitologia hindu**: o universo de deuses e mitos da Índia. São Paulo: Madras, 2007.
- TSUNG, Liéou. **Primeiro tratado chinês do amor**. S.l.: Intax Ltda, s/d.
- UPANISHADS. In: YUTANG, Lin. **Piedade indiana e humor indiano**. Tradução de Beata Vettori e Marques Rebelo Sodré Vianna. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. p. 55-88.
- VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Segundo a versão clássica de Richard Burton e F. F. Arbuthnot. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

WEN, Tom Sintan. **Acupuntura clássica chinesa**. 15ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

#### **Sítios eletrônicos:**

AGÊNCIA BRASILEIRA DO ISBN. Disponível em: <<http://www.isbn.br/website/consulta/cadastro>>. Acesso em: 01 de jan. 2016.

GALLOTTI, Alicia. Disponível em: <<http://www.aliciagallotti.com/prensa.html>>. Acesso em: 29 nov. 2015.

#### **Referências bibliográficas:**

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CANAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n.16, p. 179-192, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LASSEN, Dulce Beatriz Mendes. Efeitos de sentidos: tentativa de contenção e deslizamento. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 40, p. 73-82, jun.2010.

MORAES, Eliane Robert. Posfácio. *In*: VATSYAYANA. **Kama Sutra**. Tradução do sânscrito de Daniel Moreira Miranda e Juliana Di Fiori Pondian. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PANIKKAR, Raimundo. Tempo e história na tradição da Índia. *In*: RICOEUR, Paul (Org.). **As culturas e o tempo**. Tradução de Gentil Tilton, Orlando dos Reis e Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Vozes, 1975. P. 73-94.

RICE, Edward. **Sir Richard Francis Burton: o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu os Kama Sutras e trouxe As Mil e uma Noites para o Ocidente**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SENA, Tito. **Sexualidades, Estatísticas e Normalidades**: *A persona numerabilis* nos relatórios Kinsey, Masters & Johnson e Hite. Florianópolis: Mulheres, 2013.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

WEISSHEIMER, Felipe Salvador. **Richard Francis Burton e a inserção do Kama Sutra como um manual sexual entre os vitorianos (Inglaterra, 1883)**. Marechal Cândido Rondon, 2014. 129 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos históricos. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED.  
LABGEF (Laboratório de Relações de Gênero e Família).  
Av. Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi. CEP: 88035001  
Florianópolis, SC - Brasil